



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao programa Verdade e Vida, por ocasião das comemorações dos 150 anos da Igreja Presbiteriana do Brasil

Rio de Janeiro-RJ, 12 de agosto de 2009

Jornalista: (incompreensível) temos aqui no programa *Verdade e Vida*, sobre as comemorações dos 150 anos da Igreja Presbiteriana do Brasil, a presença do ilustre presidente da República do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva. Seja bem-vindo no *Verdade e Vida*, Presidente.

Presidente: Olha, Daniel, para mim é um prazer imenso participar dos 150 anos da Igreja Presbiteriana do Brasil, sabendo que quando completou 100 anos o Juscelino veio aqui, e 50 anos depois eu sou o primeiro presidente da República a participar dessas comemorações. Você sabe do apreço que eu tenho pela religião, você sabe do apreço que eu tenho pela Igreja Presbiteriana, e você sabe que mais apreço ainda eu tenho pelo serviço social que as Igrejas têm feito no Brasil. Eu acho que elas têm dado uma contribuição enorme à sociedade brasileira, têm partilhado com o governo responsabilidades para cuidar de setores que, normalmente, ficam esquecidos pelo Estado, e a Igreja cumpre um papel extraordinário. Daí porque o meu prazer de estar conversando com você.

Jornalista: O prazer é todo nosso. Presidente, há 50 anos, o senhor já enfatizou, o presidente Juscelino estava aqui participando desse culto. E hoje, pela soberana vontade de Deus, o senhor é o presidente da República. O que o senhor espera, já que a Igreja Presbiteriana tem (incompreensível) de não esperar do governo. Mas o que o senhor espera da Igreja Presbiteriana, de



contribuição, para que o senhor continue movendo socialmente este país, o que o senhor tem feito ao longo de seus dois mandatos?

Presidente: Veja, eu acho que todos nós precisamos esperar um pouco dos outros. Eu penso que essa combinação de interesses, essa combinação de focar as nossas prioridades para os setores mais oprimidos da sociedade, criando oportunidades para as pessoas que habitualmente não tinham oportunidades, é uma coisa que o governo tem priorizado nesses últimos sete anos.

Eu acho que o respeito que eu tenho pela Igreja é porque a Igreja, independentemente do governo... e cabe ao governo, pura e simplesmente, criar as condições para que se possa exercer qualquer profissão religiosa, totalmente aberta, ou seja, ninguém é proibido de ter a sua religião no Brasil. Acho que tem poucos países no mundo com a liberdade religiosa que tem o Brasil.

Eu fico feliz porque eu acho que as Igrejas, independentemente do que o Estado faça, as Igrejas têm um papel importante. As Igrejas têm um papel extraordinário para cuidar de crianças, a Igreja tem um papel extraordinário para cuidar de pessoas portadoras de deficiências, de pessoas da terceira idade. As Igrejas têm um investimento muito forte em educação, muitas vezes em hospitais. Eu acho que tudo isso é uma combinação de um pouco daquilo que o governo faz com um pouco daquilo que as Igrejas fazem no Brasil. E isso me permite dizer a você que eu olho com entusiasmo o futuro, no curto prazo, do nosso País.

Jornalista: O senhor é a favor do Estado laico?

Presidente: Eu sou a favor, não. O Brasil é um Estado laico. Eu fiz questão de dizer isso aqui, no meu pronunciamento. Disse isso quando estive com o Papa,



para dizer claramente que o Brasil é um Estado laico.

Jornalista: Senhor Presidente, o senhor falou e enfatizou, na sua fala, sobre a responsabilidade familiar. Qual o seu conceito sobre família e o que o senhor espera das famílias brasileiras na solução dos graves problemas sociais pelos quais vivemos, e o senhor tem enfrentado com muitas medidas sociais?

Presidente: Eu falo muito pela experiência de vida que eu tive. Eu sou filho de uma família que teve doze filhos, quatro morreram e oito ficaram vivos. Eu tinha sete anos de idade, oito anos, quando minha mãe se separou do meu pai, e minha mãe criou, praticamente, os oito filhos sozinha. Minha mãe conseguiu criar oito filhos, e todos viraram trabalhadores, todos constituíram família, e eu virei presidente da República.

Isso demonstra que não é só a pobreza que leva a pessoa a um processo de desagregação. Muitas vezes, em consequência dos problemas sociais, a família entra em um processo de desagregação. É marido que bate na mulher, é mulher que não trata bem os filhos, às vezes é o álcool, às vezes é a droga que faz com que crianças saiam de casa, com que não haja respeito. Tudo isso causa uma coisa muito grave na sociedade, porque o resultado de tudo isso é desagregação, violência, drogas, bebida, eu diria, às vezes, morte. Quando, no fundo, no fundo, se a família estiver, harmonicamente, vivendo bem, tudo vai bem.

Eu acho que nós... eu digo para os meus filhos sempre isso. Eu digo, olhem: se cada família estiver vivendo harmonicamente, e se cada pai e mãe cuidar dos seus, a chance de uma criança virar vítima de um atentado, na rua, é muito menor. A chance de uma criança cair no crime e na droga é muito menor se houver o abraço fraternal do pai ou da mãe, cotidianamente. Se a gente conversar com os nossos filhos, se a gente descobrir quais são as angústias deles, nós estaremos contribuindo de forma decisiva para que a



família viva harmonicamente, e aí o mundo viverá muito mais em paz do que vive com a estrutura de desagregação.

Jornalista: Finalizando a nossa entrevista, o senhor enfatizou alguns índices pelos quais o senhor se orgulha, e dificilmente serão batidos por um próximo Presidente, quer na área da habitação, quer na área social. O que o senhor espera fazer mais, nesse final do seu governo, em prol do social no nosso País?

Presidente: O que eu espero, na verdade, é concluir tudo o que já está planejado, porque não dá para a gente pensar uma obra nova e começá-la agora. Em fevereiro do próximo ano, em 2010, eu estarei elaborando um novo PAC, de 2011 a 2015, para poder planejar o Brasil, colocar verba no orçamento, para que quem vier depois de mim pegue as coisas já organizadas, os projetos prontos e dinheiro disponibilizado no orçamento.

Na verdade, a coisa mais importante que eu vejo nisso tudo é o seguinte: poderá vir outro presidente e fazer muito mais do que eu. Por quê? Porque o paradigma de quem entrar depois de mim é um outro paradigma, ou seja, não é o paradigma da distância do Estado dos problemas da sociedade, mas é o paradigma do Estado umbilicalmente ligado: o governo federal aos governos estaduais, aos governos municipais. O governo federal, o governo estadual e os governos municipais umbilicalmente ligados aos problemas sociais, fazendo intervenções com políticas públicas nos bairros mais pobres de cada cidade.

Então, quem vier depois vai pegar o Brasil em um patamar mais alto e tem possibilidade de fazer mais. É para isso que torço. Na verdade, eu torço é para que quem vier depois de mim faça o dobro de mim, e quem vier depois daquele que veio depois de mim, que faça o dobro do outro, porque assim a gente pode, em 15 ou 20 anos, ter o Brasil em uma posição extraordinária de



desenvolvimento.

Jornalista: Presidente, eu queria encerrar (incompreensível) que nós cantamos e dissemos: Ao presidente, oh Deus, inspira lá dos Céus o teu amor. Que possa bem cumprir o seu mandato e ouvir de todo o povo aqui real louvor.

Presidente: Amém.

Jornalista: Parabéns, presidente Lula. Foi um prazer tê-lo aqui em nosso programa.

Presidente: Obrigado.

Jornalista: Deus o abençoe.

Presidente: Amém.

(\$31DHJLP)